

LÁSZLÓ KRASZNAHORKAI

Herscht 07769



cavalo de ferro

A esperança é um erro.

Para Angela Merkel, Chanceler da República Federal da Alemanha, Willy-Brandt-Strasse 1, 10557 Berlim, foi isto que escreveu no destinatário, e depois Herscht 07769 no habitual canto superior esquerdo do remetente, isto e nada mais, como que para sugerir a natureza confidencial do assunto, e também porque pensou que não valia a pena desperdiçar muitas palavras com uma referência a si próprio no envelope, já que com base no código postal os correios haveriam de direccionar imediatamente a resposta para Kana, ali em Kana logo o encontrariam pelo nome, e no que à substância dizia respeito estava lá tudo no papel de carta meticulosamente dobrado em quatro e posto no seu lugar, tudo pelas suas próprias palavras, começando por a Senhora Chanceler, enquanto douta cientista, já evidentemente perceber de imediato em que é que ele estava a pensar ali em Kana, na Turíngia, ao pretender chamar a sua amável atenção para o facto de que, a par com os males e problemas quotidianos do país, uma personalidade como ela dever também por vezes ocupar-se dos males e problemas aparentemente distantes do quotidiano, em especial se cercam essa vida quotidiana com a mais destrutiva das forças, pois é de um cerco que aqui se trata, de um facto que ameaça a existência do país, segundo ele até mesmo a existência de toda a humanidade, e que abala a ordem social na sua essência, manifestando-se a partir de várias direcções ao mesmo tempo, de entre as quais ele deve, porém, agora somente destacar a mais importante, o alarme do âmbito da filosofia da natureza inerente a descrições de processos aparentemente sem resposta surgidos no decorrer de experiências de vácuo, uma vez que com isso se tornara claro, na verdade já há muito tempo, só que para ele apenas agora, que têm lugar *acontecimentos* naquilo que a linguagem popular entende como um espaço *completamente*

vazio, o que por si só parece ser já razão suficiente para a líder do país e uma das mais influentes personalidades do mundo colocar isto e precisamente isto acima de todas as coisas e no mínimo convocar o Conselho de Segurança, porque a questão aqui não é simplesmente política, mas sim abertamente existencial, motivo pelo qual descreveu muito sucintamente os pormenores, não mais que isso, pois considerou que o melhor era ser breve, sabendo que a destinatária teria muito pouco tempo para ler aquilo e em todo o caso para quê alongar-se sendo ela uma verdadeira profissional, de modo que assinou a carta, dobrou-a em quatro, inseriu-a no envelope, escreveu por fim o endereço, mas não, abanou a cabeça, assim não está bem, e tirou a carta do envelope, amachucou-a e atirou o papel para o chão, pois tenho de partir do princípio, disse para si mesmo na sua cabeça, que a Senhora Chanceler é formada em Física, por isso não é preciso estar a dar-lhe explicações detalhadas, mas sim ir direito à questão, para que entenda de imediato a extrema importância do assunto aqui em causa, ou seja, que é preciso fazer imediatamente alguma coisa, convocar o Conselho de Segurança, isso seria o mínimo, e debruçou-se sobre a mesa, o queixo apoiado nas duas mãos entrelaçadas, curvando-se depois para apanhar o papel, alisando-lhe os vincos, e lendo então mais uma vez o que tinha escrito, após o que pegou na caneta que usara, a qual podia escrever a azul, verde ou também a vermelho, clicou para escrever a vermelho e com esse vermelho sublinhou várias vezes a expressão «isso seria o mínimo», que figurava depois de «Conselho de Segurança», e por fim assentiu com a cabeça, como quem efectivamente concorda com tudo, voltando depois, como antes, a dobrar o papel muito bem em quatro, seguindo os vincos anteriores, e a metê-lo no envelope, pondo-se logo a caminho dos correios, onde estavam duas pessoas à frente dele, a primeira ficou despachada rapidamente, embora a segunda, que tinha na mão um pequeno pacote, tentasse saber algo com todos os pormenores, quanto custaria então se fosse por correio normal, depois quanto se fosse com DHL ExpressEasy e registado, ou então só com DHL ExpressEasy, ou então enviava só registado, nunca mais acabava, não parava de arrastar a questão, fazendo mais e mais perguntas, depois pôs-se apenas a resmungar para si, como quem

tem muita dificuldade em decidir sobre o assunto, sendo que para ele, desta vez, logo ali a seguir na fila, a pausa de almoço prolongada não lhe deixasse muito tempo, já que o Boss a custo o autorizara a sair, desconfiava de Florian, via-se que considerava a dor de dentes uma explicação inaceitável, um alemão não tem dor de dentes, gritara-lhe, só que não podia fazer nada, teve de o deixar sair meia hora antes do almoço para ir à clínica dentária Collier, mas só à doutora Katrin, em circunstância alguma ao doutor Henneberg, porque dele tinha medo, e bom, verdade seja dita, não fora realmente muito convincente ao alegar de novo uma dor de dentes, só que não podia ter dito outra coisa, não tinha coragem para lhe contar a verdade, inclusivamente, por falar nisso, nem sequer quando tudo começara, pois bem sabia, conhecia o Boss, contar-lhe teria sido como permitir-lhe olhar para dentro de si mesmo, mais precisamente para dentro do único compartimento oculto de si mesmo que o Boss ainda não alcançara, até aí só chegara a senhora Ringer, e aí o Boss não haveria de chegar, pois não lhe queria transmitir o seu único segredo, este não, sendo que de outra forma até já lhe contava muitas coisas, ou, por outras palavras, o Boss arrancava quase tudo dele, pelo que para o Boss ele era assim como um livro aberto, eu sei tudo sobre ti, repetia, mesmo aquilo que tu não sabes sobre ti, tu para mim és a minha responsabilidade, por isso tens sempre de me contar tudo, porque eu noto logo quando não contas e então já sabes o que acontece, e Florian sabia, porque desde que o Boss o impedira de ser padeiro e o metera no negócio, e também ele se tornara lavador de paredes, recebia dele incontáveis bofetões, por tudo e por nada, porque nada do que ele fazia era de jeito, isto não é assim, aquilo não é para ali, e não agora mas sim mais tarde, e não mais tarde mas sim agora, não com isto mas sim com aquilo, não é com tanta força, tem de ser com mais força, nunca nada lhe agradava, embora já andasse a trabalhar com ele há quase cinco anos, portanto não, tinha de ficar calado em relação ao assunto, e Florian calado ficou, calado mesmo desde o início, ou seja, desde que primeiro foi atingido pelo raio, precisamente quando ia para casa vindo do senhor Köhler, a pensar no que tinha sido dito, pois verdade seja dita não compreendera o senhor Köhler, durante muito,

muitíssimo tempo não compreendera o que queria dizer, só então, a caminho de casa, quando de uma assentada, como se realmente um raio o tivesse atingido, subitamente percebera do que se tratava, e assustara-se muito porque isso significava então que todo o Universo assentava no facto inexplicável de que paralelamente a cada 1 bilião de partículas de matéria num espaço fechado em vácuo é também sempre gerado 1 bilião de partículas de antimatéria, sendo que ao colidirem elas se aniquilam umas às outras, embora depois, de repente, e de outra forma não poderia ser, após o 1 bilião + *uma* partícula de matéria não aparece o 1 bilião + uma partícula de *antimatéria*, e assim essa uma partícula de matéria permanece em existência, ou cria directamente existência, enquanto abundância, enquanto excesso, enquanto excedente, enquanto *erro*, e a partir disso, exclusivamente a partir disso e por causa disso, existe todo o Universo, ou seja, sem isso não existiria – ficou tão assustado com isso que teve de parar e encostar-se à parede, quando virava à esquerda no final da Oststrasse, na direcção das lojas do centro comercial na Fabrikstrasse, cheio de calor, o cérebro a arder, as pernas a tremer, simplesmente não era capaz de continuar, pois de acordo com o senhor Köhler a ciência por enquanto não era capaz de o explicar, mas ao dizê-lo Florian tinha ainda ficado retido na afirmação de que algo pode nascer do nada, assim declarara o senhor Köhler, o processo no espaço fechado do vácuo começa como que no nada e a partir do nada surge subitamente alguma coisa, ou seja, tem início este acontecimento, o qual é, porém, totalmente impossível, mas que mesmo assim começa com esse nascimento de 1 bilião de partículas de matéria e simultaneamente de 1 bilião de partículas de antimatéria, as quais logo se aniquilam umas às outras, de modo que deste processo se liberta um fotão, ele ainda tinha ficado nesta frase do senhor Köhler, tentando apreendê-la, e só a voz dele lhe chegava, o modo como o senhor Köhler lhe explicava o fim da coisa, o que segundo ele era ainda mais impressionante, embora só se tenha apercebido realmente da essência daquilo quando passou pelo edifício abandonado da estação e diante do santo com a lança fixado no arco de ferro, arrastando-se diante das janelas

tapadas com tábuas, arrastando-se pela estrada deserta, e depois de algum modo chegando a casa,

no nada e a partir do nada

continuando a arrastar-se escadas acima, como alguém que fora espancado, já era tarde para ir a casa da senhora Ringer, portanto que mais poderia fazer do que ir para casa, só que a chave era tão difícil de meter na fechadura, a porta era tão difícil de abrir, encontrou a cozinha envolta numa tal névoa escura que era como se uma qualquer força maligna o impedisse de finalmente alcançar o seu habitual lugar na cozinha, sendo que por fim se deixou cair, estava arrasado, ficou apenas sentado, a segurar a cabeça com as duas palmas das mãos, para não explodir de tanto latejar, e já os seus pensamentos também só se arrastavam, de modo que não foi de admirar que no dia seguinte, ao entrar no carro do Boss na esquina da Christian-Eckhart-Strasse com a Ernst-Thälmann-Strasse, aquele tivesse logo percebido que algo de errado se passava com Florian, pelo que lhe perguntou, então pá, que se passa, fds, que problema tens agora ó crl, após o que Florian apenas abanou a cabeça, dirigindo o olhar para diante, o que fez o Boss acrescentar, pronto, fds, mais um dia que começa bem, ainda por cima olha só para ti, nem sequer fizeste a barba!!, o que naturalmente queria dizer que Florian enlouquecera de novo, mas não era isso, era só que o impressionara, e impressionara-o bastante, aquilo que o senhor Köhler dissera no dia anterior, não tendo, porém, sido assim tão fácil, pois primeiro era preciso entender o senhor Köhler, porque era preciso entender o que o senhor Köhler dizia, o que exactamente queria dizer, e isso era já em si difícil, porque da física ele só sabia por um lado o que lera em criança, e por outro aquilo que pudera entender ao longo do curso *Caminhos da física moderna* na escola para adultos, no edifício do Liceu Lichtenberg, visto que só tinha a escola primária e um curso técnico de panificação, assim todas as terças-feiras à noite tinha podido sentar-se entre os alunos, durante dois anos, lá em cima, na Schulstrasse, limitando-se a ouvir, a prestar atenção, a tomar notas, e tendo feito o ano com diligência inscreveu-se depois

de novo no ano seguinte, para ouvir outra vez o mesmo, visto que da primeira vez não entendera bem uma data de coisas, e foi bom ouvir o orador, o senhor Köhler, a explicar *o maravilhoso mundo das partículas elementares*, como ele lhe chamava, e foi assim que mais tarde, quando o senhor Köhler lhe pediu ajuda para cortar um grande abeto seco no seu jardim na Oststrasse, este lhe explicou aquilo que Florian ainda não tinha percebido sobre *o maravilhoso mundo das partículas elementares*, porque foi só no final do segundo ano que ele ganhara coragem e fora ter com o senhor Köhler na noite de fim do ano lectivo, na cave do Liceu Lichtenberg, onde o senhor Köhler dava o seu curso aberto ao público, para lhe dizer que infelizmente para ele algumas coisas que ouvira ao longo dos dois anos não tinham ficado completamente claras, pois tudo bem, podia ir ter com ele, se o ajudasse a cortar a tal árvore, mas é claro que ele não ia deixar o senhor Köhler fazer o que quer que fosse, e no fim-de-semana seguinte cortou-lhe a árvore, tirou-lhe os ramos todos e carregou-os para junto do portão do jardim, após o que, enquanto o senhor Köhler observava boquiaberto aquilo que Florian fazia, pegou no tronco da árvore e arrastou-o assim como se não passasse de um pequeno galho, deixando-o junto aos ramos, para que depois uma carrinha o levasse, nada de especial, mas depois disso não só o senhor Köhler lhe explicou tudo de novo, como também ele começou a visitar o senhor Köhler todas as quintas-feiras às sete, fora o próprio senhor Köhler a oferecer-se, primeiro só na quinta-feira seguinte, depois na outra, e depois tornou-se sistema, e agora ali estava ele, nos correios, e esta senhora ali com a encomenda sem ser capaz de se despachar, apesar de a ele só lhe restarem vinte minutos da sua hora de almoço, o que dirá o Boss se ele se atrasar, não consegue continuar a mentir, que estavam estas e mais aquelas pessoas à frente dele no dentista, porque o Boss também sabe que àquela hora há pouca gente, na verdade, depois do meio-dia nem sequer admitem novos pacientes, pelo que isso ele não podia alegar, o melhor era despachar-se rapidamente com aquilo, só que olhou para Jessica por detrás do vidro e viu que ela respondia à velhinha com toda a paciência do mundo, e quando finalmente chegou a sua vez também a coisa não se fez num abrir e fechar de olhos, pois

agora era Jessica que começava a empatar, o que vem a ser isto, Florian? como assim, Angela Merkel?!, onde tens a cabeça, achas que é só escrever-lhe assim e que ela depois vai ler?, ao que ele não soubera o que dizer, já que Jessica não era conhecida por mostrar lá grande compreensão em assuntos como aquele, fora daquilo que habitualmente acontecia ali nos correios, Jessica e o marido, depois de se terem mudado da Bachstrasse para ali, partiam do princípio de que as coisas eram uniformes e transparentes, com efeito o marido de Jessica, o senhor Volkenant, ia até nessas ocasiões mais longe do que Jessica e acrescentava que não era preciso andar ali com rodeios, que as coisas eram o mais simples possível e pronto, o que a ele, a Florian, fazia pensar em algo completamente diferente, como agora, com o senhor Volkenant a dizer detrás de Jessica, lá do armazém de encomendas, que de certeza que não, porque é assim, se quiseres e estiveres disposto a enviar isso por oitenta cêntimos, então é como pegar em oitenta cêntimos e atirá-los pela janela, estás a perceber, e de novo dizendo que aquilo era do mais simples que havia, mas Florian pensava já naquilo que o esperava e apressou Jessica, pondo logo os oitenta cêntimos em cima do balcão, e não respondeu a nenhum deles, e eles não insistiram mais naquilo, limitaram-se a olhar um para o outro, para eles era completamente indiferente, Jessica encolheu os ombros e com uma careta lá pôs um grande carimbo no envelope, fê-lo com uma expressão tal como se quisesse dizer que por ela bem que Florian podia deitar o dinheiro pela janela, se era isso que queria, e também o Boss não lhe disse uma única palavra, apenas lhe deu de novo um bofetão, não disse nem isto nem aquilo, apenas lhe aplicou o bofetão do costume, e Florian encolheu-se e não deu quaisquer explicações, como se soubesse que isso de nada lhe iria servir, estava dezassete minutos atrasado, já eram 12h47, que podia dizer naquele momento, que estava muita gente à frente dele no consultório da doutora Katrin?, de nada valia repetir essa história, em todo o caso o Boss sabia que ele não tinha ido ao dentista, por outro lado também não podia admitir que Florian guardasse segredos dele, tu não podes guardar segredos de mim, gritou-lhe no carro quando viraram para Bibra no cruzamento da estrada 88, mas Florian conteve-se, não respondeu,

limitou-se a olhar fixamente em frente, e isso por enquanto bastou, porque também o Boss nada lhe disse até chegarem a Bad Berka, e também lá só lhe disse «vá, mexe-te», e ainda «vai lá buscar a merda da Kaercher», e depois de tratarem do pavimento com químicos continuaram a lavá-lo em silêncio, no local onde «um qualquer maldito idiota» tinha vertido uma tinta que não saía assim sem mais nem menos, por isso os tinham chamado, porque eles já eram conhecidos por toda a Turíngia Oriental, o Boss fazia bons preços e executava sempre o trabalho com segurança, rigor e qualidade satisfatória, para ele era indiferente quem vertia o quê ou exactamente que grafiti era preciso remover, era vasto o espectro, ocupavam-se de tudo, limpeza, protecção, jacto de areia, vidros riscados, até tinham deparado com trabalhos em que fora preciso remover pastilha elástica, pelo que tudo cabia no *espectro*, conforme o Boss lhe chamava, o espectro precisava de ser de tal modo vasto para abranger tudo, percebes, Florian, não apenas grafitis, mas tudo, porque é disto que vivemos, percebes, é claro que não percebes nada, um gigantão como tu, que nunca percebe nada, porque era assim que lhe chamava quando estava bem-disposto, era raro, mas também se lhe dirigia assim, saía-lhe então o gigantão, um desgraçado dum gigantão enorme e robusto que não percebe nada, porque a ele só lhe interessa o Universo, pois claro, o Universo, depois o Boss punha-se a bater no volante, olhava para ele por alguns instantes e depois decididamente já não tão bem-disposto quase cuspiam as palavras, que Florian deixasse o Universo para os judeus, que ele, Florian, se ocupasse das coisas práticas, como por exemplo saber de cor todos os versos do hino, saber o hino do princípio ao fim, porque é preciso saber, um alemão começa sempre as coisas pelo início, percebes?!, e não pela terceira estrofe, quem nos impôs isto tudo foi nada mais nada menos do que uma criminosa rede liberal, essa agora não cantarmos o nosso próprio hino do princípio ao fim, isso ninguém nos pode tirar, pqp, porque isso é o ponto de partida para tudo, e por essa altura já normalmente gritava a plenos pulmões, pois na sua grande agitação vinha-lhe de novo à cabeça o hino inteiro, carregava com força no acelerador, quase pisando o pedal a cada palavra acentuada, o que naturalmente fazia

rugir o motor do *Opel*, o que o obrigava a gritar ainda mais alto para a sua voz se sobrepor ao ruído do motor, canta, Florian, canta, pqp, canta, recita lá essa maravilhosa primeira estrofe, e também a segunda estrofe, que ninguém aqui nos venha dizer qual é o NOSSO HINO, e Florian teve então de cantar imediatamente:

*Deutschland, Deutschland über alles
Über alles in der Welt
Wenn es stets zu Schutz und Trutze
Brüderlich zusammenhält...*

e o motor roncava, cento e trinta e cinco, cento e quarenta, era isto geralmente o máximo que o Boss fazia com o *Opel*, e assim lá corriam eles para os trabalhos seguintes, e Florian também não tinha possibilidade de ficar de fora, visto que quase sempre tinha de cantar quando iam a algum lado no *Opel*, tu tens cá uma voz de cana rachada, Florian, tu não és judeu?, disparava-lhe em todas as ocasiões, e agora também o atacava, fds pá, tu na Semperoper é que de certeza não vais actuar, e pisava no acelerador, como que para expressar todo o seu desprezo por Florian e todos aqueles que cantavam assim tão mal, um alemão tem um bom ouvido, um ouvido limpo, disse, pelo que teve de cancelar as visitas de sábado de manhã à casa da senhora Ringer e em vez disso à sexta-feira tinha de lavar o fato-macaco, de modo a deixá-lo a secar no radiador para o dia seguinte, e todos os sábados de manhã às onze tinha de estar no ensaio, para melhorar o ouvido, mas o ouvido não melhorou, a voz continuou de cana rachada, e também continuaram com o habitual canto do hino no *Opel*, que o Boss comprara em segunda mão, não muito tempo depois de ter contratado Florian, tinha então o carro quatro anos e meio, claro que o tivera de arranjar, ora se avariava isto, ora se avariava aquilo, com um carro velho era assim, resmungava o Boss, embora não falasse mal dele, antes o elogiava, pois pelo menos é alemão, explicava irritado, e um *Opel* é sempre um *Opel*, verdade?, só que, pronto, de vez em quando era preciso arranjá-lo, porque os americanos tinham estragado esta obra-prima, tinham estragado a sério, de modo que estava

sempre a arranjá-lo, arranjava-o com todo o gosto, e sempre sozinho, nessas alturas Florian não era preciso, com efeito nem sequer tinha autorização para pôr o pé no quintal do Boss, também não o teria feito por causa do cão, e o Boss falava por vezes sobre isto e aquilo com o vizinho Wagner, mas só com ele, e apenas falavam, só ele e apenas ele podia tocar no *Opel*, sabes por acaso quem foi Adam Opel?, perguntava-lhe por vezes virando-se para ele no carro, e ele logo dizia que era o pai de Wilhelm e de Carl, após o que o Boss, como numa espécie de piada que ambos gostavam de repetir, o corrigia dizendo Wilhelm VON Opel e Carl VON Opel, só que Florian não gostava de repetir, porque para ele aquilo não era engraçado nem interessante, para dizer a verdade era um bocadinho aborrecido, isto aborrece-te, não é?, notava o Boss, quando de novo repetia aquilo com ele, oh, claro que não, abanava Florian a cabeça sem convicção, claro que sim, isto tudo te aborrece, eu sei, gritava então por cima do ruído do *Opel*, e durante um bocado lá iam no *Opel* sem dizer palavra, depois Florian recebia uma palmada no pescoço, era assim que lhe chamava o Boss a brincar, só assim sem mais nem menos, uma palmada e já está, e com isso acabava-se a história, o que já há muito Florian considerava natural, o Boss geralmente fechava um assunto com um calduço e ele então limitava-se a encolher o pescoço, como quem aceita que o destino é assim, o Boss era o destino que não é possível alterar, aceitava-o e ficava à espera de uma resposta de Berlim, mas depois, sendo evidente que a resposta estava atrasada, começava a aparecer nos correios, quando conseguia chegar dentro do horário de funcionamento, sendo que o senhor Volkenant e a mulher fechavam às seis da tarde, e é claro que acontecia chegarem tarde a casa no *Opel* e já não valia a pena correr até à Altstadt, pois já não os teria encontrado abertos para perguntar, mas às vezes conseguia, e o mesmo fazia com o carteiro, que ele sabia que todas as noites ficava a beber no ICS até à hora de fechar, perguntava-lhe, mas nada, o carteiro e também Jessica limitavam-se a abanar a cabeça, embora o carteiro também o fizesse continuamente, mesmo sem que Florian lhe perguntasse alguma coisa, principalmente perto da hora de fecho, que não, nada, e também o Boss lhe começou a perguntar algum tempo

depois, porque crl é que passas a vida a ir ter com a Jessica, diz-me lá se faz favor, e o que haveria ele de responder, tu gostas dela ou quê?, porra, sim, senhor, a dar em cima de uma mulher casada, até me passo, sorriu ele, e começou a bater no joelho, o que era apenas uma introdução, pois logo começou a rir à sua maneira, abrindo a boca, sem emitir som nenhum, apenas abanando a cabeça com a boca assim aberta, e deste modo inclinava-se para a cara do outro, achava isto engraçado, e era assim que sempre ria, como agora, e depois deu-lhe uma boa palmada nas costas, e depois outra, o que Florian deveria ter entendido como uma espécie de reconhecimento, mas Florian não entendeu nada disso, apenas corou e esboçou um sorriso forçado, como que admitindo aquilo que dele se suspeitava, e por fim afastou-se, para desaparecer da vista do Boss, porque quando estavam juntos ele precisava de estar sempre muito alerta, nunca sabia o que lhe podia acontecer e quando, e durante algum tempo o melhor foi mesmo a suspeita em relação a Jessica, pois era muito mais difícil de suportar quando ele vinha com aquilo de que a pátria precisava de toda gente e que ele, Florian, o melhor que tinha a fazer era não deixar arrastar muito as coisas e pôr-se na fila, pedir finalmente para ser admitido no pelotão, era assim que chamava aos amigos dele, o pelotão, não sendo de todo claro o que aquilo era, o que, porém, sabia era que não queria entrar naquilo, tinha medo deles, Kana inteira os conhecia, os nazis, diziam as pessoas em voz baixa, e desde logo soava ameaçador porque o Boss o queria de forma cada vez mais violenta, porque se ele entrasse no pelotão, uma vez no meio deles, entre os nazis, teria não só de combater ao lado do Boss, dia após dia, com a mais profunda dedicação, mas também ao lado deles, claro que sem dedicação nenhuma, podendo ter a certeza, pois conhecia-os suficientemente bem, de que não o deixariam em paz, teria de submeter-se também ele à tatuagem, da qual tinha ainda mais medo do que do dentista, não queria que o tatuassem, quer fosse a Cruz de Ferro ou o brasão da águia com a língua vermelha, que o Boss recomendava com grande ardor, só de pensar nisso ficava com pele de galinha, só de imaginar a agulha e o zumbido aterrorizador da máquina de tatuar, que ele próprio de vez em quando já ouvira, quando tivera de acompanhar

o Boss ao estúdio do Archie depois do ensaio, estando lá deitado um qualquer novo ou antigo membro enquanto os outros esperavam lá fora, Florian tinha vontade de desatar a correr, correr como um louco na direcção oposta de onde esta agulha e esta máquina de tatuar trabalhavam, por isso não, aquilo não, e tanto quanto se sentia capaz dizia também com firmeza que não, que ele jamais fará uma tatuagem, não é o estilo dele, acrescentava suavemente, e o Boss ficava então vermelho de tanta raiva, porque então não és um de nós?!, tu és um de nós!!, onde eu estou tu também estás, quantas vezes eu já te disse que tu és da minha responsabilidade, quantas vezes eu já te disse, a esses teus ouvidos moucos, para pensares e escolheres se vai ser a Cruz de Ferro ou o brasão da águia com a língua vermelha, mas não penses muito porque na próxima semana vens comigo e vais deitar-te lá no Archie, porra, mesmo que depois saias de lá a chorar, mas graças a Deus que até então tinha escapado e não se deitara lá no estúdio do Archie, embora tivesse frequentemente de admirar o peito robusto do Boss ostentando a Cruz de Ferro, porque eu cá mereci-a, dizia, e tu também tens de a merecer, e sobre isso não dizia mais nada, voltava a vestir a camisa, e depois apenas explicava aos outros que Florian por enquanto ainda não tinha feito uma tatuagem, que era como uma criança que ainda mija na cama, o único problema é ele ser tão forte, estou-vos a dizer, ele é tão forte que não vamos conseguir segurá-lo debaixo da agulha, nem mesmo se formos cinco, ele é forte como um touro, malta, é mesmo assim, da outra vez, na 88, saímos fora da estrada, por causa das obras, havia lama, e simplesmente não havia maneira de eu tirar o lado direito do carro do lamaçal, então este aqui saiu, agarrou no *Opel* todo, estão a ver?, comigo lá dentro, e pô-lo de novo na estrada, por isso é preciso convencê-lo, para ser ele próprio a querer, e os outros não disseram uma única palavra, limitando-se a olhar para o Boss, que não gostou lá muito daqueles olhares silenciosos, pelo que rapidamente pediu umas cervejas, distribuiu-as pelo pelotão, dizendo, ao Quarto Reich, e depois brindaram, à moda antiga, como antigamente faziam os verdadeiros alemães, ou seja, deixando pingar durante o brinde uma ou duas gotas no copo ou na mão do outro, com isso ficava o assunto encerrado por

hoje, Florian podia esperar e respirar um pouco, visto que habitualmente durante a semana aquilo quase não vinha à baila, era só mais ao fim-de-semana, em regra à sexta-feira, quando aparentemente o Boss já estava a pensar nas reuniões do fim-de-semana, se não mesmo no *Opel*, porque este andava mesmo a dar problemas, ora era o cardã, ora a bomba de água, ora o radiador, ora isto, ora aquilo, havia muitas vezes qualquer coisa que dava sinal, de modo que primeiro era preciso pensar na reparação no sábado, e então iam buscar peças ao Adelmeyer ou ao Eckardt, ao Opitz é que não, nem pensar, que lá têm o nariz muito empinado, e ainda por cima são da *Renault*, não percebem pataвина da *Opel*, ensinava o Boss a Florian, e lá iam eles ao Adelmeyer ou ao Eckardt, e depois não o deixava entrar no quintal, o Boss estacionava lá dentro e Florian aprestava-se a fechar rapidamente o portão atrás dele por causa do cão que ladrava, dando puxões à corrente, limitando-se a dizer, pronto, então vou andando, e lá ia ele, se estivesse a chover ia para o Herbstcafe ou para junto da senhora Ringer na biblioteca, se não estivesse a chover então ia para o seu lugar favorito, para as margens do Saale, onde havia dois bancos diante dos campos desportivos, debaixo de dois castanheiros, quase mesmo na margem do rio, perto de uma pequena ponte, gostava muito daquele lugar, e se o Boss andasse nas suas reparações e não estivesse a chover, tinha então muito tempo livre para ir para ali, para se sentar sozinho no mais pequeno de dois bancos e continuar a pensar nas palavras do senhor Köhler, a digerir ali no banco os desenvolvimentos, tal como agora ali sentado ociosamente, o campo de andebol ficava relativamente longe, mal se ouviam os gritos, e pôs-se a pensar no que haveria de fazer, no que poderia ter acontecido em Berlim, pois até então ainda não tinha chegado a resposta, ontem já lá fora acima ao senhor Volkenant e à mulher, perguntara ao carteiro, mas tinham-se limitado a abanar a cabeça, ainda que agora já sem escárnio, como no início, mas sim com pena, tinha portanto de ponderar o que haveria de fazer, ou se seria preciso sequer fazer alguma coisa, pensava nisso debaixo de um dos dois castanheiros, junto à pequena ponte, pois talvez a questão fosse ele ser demasiado impaciente, não podia esperar que a Chanceler da Alemanha lesse

imediatamente a sua carta, a compreendesse e lhe escrevesse *de volta*, pelo que talvez o melhor seja eu por enquanto ter paciência, decidiu ele debaixo de um dos dois castanheiros, perto da pequena ponte, sentado no banco mais pequeno, pondo-se depois a escutar o som da pequena correnteza do Saale, o quebrar das ligeiras ondas de água rasa, ali onde algumas pedras gastas sucumbiam à corrente, pôs-se a escutar o calmo, tilintante e doce gorgolejar, e lembrou-se do quão terrivelmente difícil era conciliar este gorgolejar com aquele tal espaço de vácuo, onde do nada surge alguma coisa, sendo que a esse propósito o senhor Köhler dissera que fora precisamente por causa disso que suspendera o seu estudo da física quântica e que apenas ainda falava disso nas suas palestras nocturnas, e mesmo aí só enquanto houvesse inscritos suficientes, precisamente por isso virara costas à física quântica, por não a conseguir conciliar com o seu bom senso, de modo que procurara algo em que única e exclusivamente fosse necessário o seu bom senso, do qual naturalmente nunca se falava na Abendschule, aí tratava-se o *maravilhoso mundo das partículas elementares* em vez do terrível mundo das partículas elementares, procurara e encontrara, por isso havia anos que só se ocupava da meteorologia, da sua própria, pequena e amadora estação meteorológica, a sua Private Wetterstation, já registada na MDR e no *Ostthüringer Zeitung*, e que construía sozinho durante longos anos de trabalho, mas agora já tinha tudo o que a Private Wetterstation precisava, podia medir a temperatura, a força do vento, a humidade do ar e a pressão atmosférica, e se no início só podia fazer isso, assim que a sua reputação se espalhou e lhe foi possível utilizar os dados dos serviços meteorológicos noruegueses e os da MDR, cresceu cada vez mais o seu desejo de desenvolver o seu conjunto de instrumentos, como ele lhe chamava, e por exemplo elaborar um actinómetro químico, considerando que só tinha um actinómetro da marca *Michelson-Martin* comprado em segunda mão, impossível de adquirir devido ao seu preço muito elevado, e perguntava-se a si próprio que espécie de meteorologista amador era ele se não fazia ele próprio os seus instrumentos de medição, de modo que decidira experimentar a fabricação caseira, e a experiência foi tão brilhantemente bem-sucedida que logo uma parte

dos seus vizinhos lá da rua vieram admirá-lo, mesmo não entendendo nada do assunto, e também vieram da MDR e do *Ostthüringer Zeitung*, tendo desde então começado uma frutuosa colaboração, Adrian Köhler, levantou um pouco a voz o senhor Köhler, recebera assim o reconhecimento da sua estação de previsão meteorológica, ainda que os profissionais não gostassem daquilo, costumavam escarnecer dos amadores, escarnecendo também dele ao início, e com razão, acrescentou ele então, mas depois, graças ao seu actinómetro químico de fabrico caseiro, por assim dizer, tinham-no aceitado, assim esperava ele, e acreditava que os Serviços Meteorológicos Noruegueses e os da MDR também iam por vezes dar uma vista de olhos aos dados dele, talvez, quem sabe, inclinou um pouco a cabeça para o lado, em todo o caso ele conseguia dar previsões relativamente fiáveis para Kana e redondezas, e isso bastava-lhe, não desejava competir com ninguém, nem sequer poderia fazê-lo, estava simplesmente apaixonado pela meteorologia, isto não é como a teoria quântica, em que é requisito básico aceitar o absurdo, aqui, no caso da previsão meteorológica, é evidente que há relatividade e incerteza, pois trabalha-se com probabilidades, mas só até nevar ou até o sol ultrapassar os vinte e oito graus, e se ele tiver previsto neve então ficará feliz, e se a temperatura subir acima dos vinte e oito graus também ficará feliz, para ele chegava-lhe Kana, bastava que as pessoas, pelo menos algumas, reconhecessem que valia a pena prestar atenção às suas previsões, muitos eram dessa opinião, o senhor Köhler quase lhes dizia de antemão para não viajarem demasiado cedo na 1062 na direcção de Seitenroda, pois provavelmente haveria condensação matinal, e que o melhor era evitar durante um certo tempo determinada estrada florestal, ou então levarem consigo um guarda-chuva, pois provavelmente iria chover, nomeadamente entre as duas e as seis da tarde a probabilidade de chuva seria de trinta e cinco por cento, e isso já era percentagem suficientemente elevada para se andar com um guarda-chuva no saco, isso basta-me, disse o senhor Köhler com um sorriso, portanto confesso-te, Florian, que apenas faço tudo isto para meu próprio divertimento, alguns dedicam-se às rosas, outros pintam a casa todos os anos, eu cá gosto de saber se vamos ter neveiro na estrada 88 nos

próximos três dias ao amanhecer e se por isso é melhor os habitantes de Kana saírem de casa mais tarde nos seus automóveis, e é tudo, disse, na verdade tu também deverias encontrar uma qualquer ciência assim simples que seja do teu agrado, porque não te cinges ao ofício que aprendeste?, porque não vais para padeiro?, mas Florian limitou-se a baixar e a abanar a cabeça, como se com isso quisesse dizer que infelizmente isso para mim já não dá, não posso escolher, tenho de me dedicar àquilo cuja essência o senhor me revelou, senhor Köhler, e estou bastante preocupado, vá lá, exortou então o senhor Köhler, não te preocupes, meu filho, os físicos da teoria quântica hão-de resolver isso um dia, só que nós já cá não estaremos para o ver, precisamente, disse Florian, olhando para ele com os seus dois grandes e tristes olhos azul-celestes, também eu receio bem que não entendamos, mas não é preciso ter medo, abanou a cabeça o anfitrião, ajeitando os óculos, olha para o céu, olha para estas nuvens, olha para os raios de sol que penetram, estas são coisas tangíveis, não precisas de mergulhar tão profundamente em toda essa questão do vácuo, pois facilmente ficas afundado nisso para sempre, além do mais, o que tanto te oprime não é o fracasso da teoria quântica, mas sim o fracasso da limitada inteligência humana, disse ele, mas para Florian isso não valia de nada, encontrava-se já tão imerso naquele único pensamento que colhera de tudo quanto o senhor Köhler expusera todas as terças-feiras, durante dois anos, na cave do Liceu Lichtenberg, de forma tão rigorosa e realmente esclarecedora, com uma força quase incendiária, que precisava ainda de deter-se nisso, e nisso se detivera, depois mergulhara e nisso para sempre se afundara, e conforme por vezes declarava ao senhor Köhler, sentia que jamais voltaria a ser como antes, visto que nunca teria pensado que o mundo, sob o perigo de um facto tão assustador, estivesse tão exposto a uma destruição que poderia acontecer a qualquer momento, e não só exposto à destruição, pois já o início de tudo o aterrorizava, disse, pois se tudo agora antes da destruição dançava de tal modo no fio da navalha, também deve ter estado no fio da navalha na altura em que foi criado, e com isso eu não posso ficar contente, senhor Köhler, se olho para o céu, o terror apodera-se de mim, porque sinto que está tudo tão indefeso, tão indefeso, e uma

vez que o seu mentor ficou então seriamente preocupado que Florian desatasse a chorar, rapidamente se esforçou por consolá-lo, dizendo, olha só, meu filho, tudo isto é só física, ciência, e a ciência seguramente não encontra de momento resposta para essa pergunta, ainda não, meu filho, ainda não, por enquanto não, mas sempre foi assim, a ciência sempre levantou questões para as quais durante algum tempo não encontrou resposta, mas essa resposta depois aparece, contra todas as dificuldades, e também há-de surgir a resposta a esta questão ainda por resolver, podes estar completamente seguro disso, e após uma conversa deste tipo, quando Florian se ia embora, o senhor Köhler deixava-se cair na poltrona e criticava-se por falar com ele acerca das questões não resolvidas da física, por um lado porque Florian ainda era uma criança, embora surpreendentemente inteligente e receptivo, mas que não compreendia verdadeiramente nada, apenas traduzia as coisas para o seu próprio sistema, e por outro lado a interpretação errada dos conceitos apenas mantinha numa excitação desnecessária a alma hipersensível daquele seu melancólico fã, e já muitas vezes quisera deixar de falar do *maravilhoso mundo das partículas elementares*, considerando que o mundo das partículas elementares não é de facto maravilhoso, mas horrível, enfim, ele não o levava assim tão a peito, mas eis ali aquele colosso de proporções gigantescas, aquela criança perante a qual era inútil não apenas dizer como também enfatizar de forma convincente, com base em argumentos, o que naturalmente no caso dele já era agora demasiado tarde, que a ciência haveria de encontrar uma solução, não sendo certo como, e pôs-se então a olhar desanimadamente para um minúsculo insecto que no chão avançava por uma fina fenda, de um lugar para outro, talvez haja questões para as quais a física até hoje ainda não tenha resposta, o que por outras palavras significa honestamente que a física não sabe a resposta às *perguntas mais básicas e essenciais*, continuando inclusivamente a colocar-se a si própria na situação de levantar questões irresolúveis, entrando portanto em conflito consigo própria e deixando depois as pessoas desesperadas sobre o que irá acontecer a seguir, o que irá sair disto, o que naturalmente não significa que Florian tenha razão, nomeadamente que a profecia de Dirac e a prova experimental do desvio

de Lamb tivessem aberto a caixa de Pandora, segundo a sua santa convicção o futuro não era de forma alguma assim tão assustador, Florian estava a exagerar, só que Florian não pensava assim, não achava nada que estava a exagerar, pelo que quando lhe ocorria, porque passado algum tempo era isso que acontecia, que a sua carta nem sequer chegara à Senhora Chanceler, pois podia ter ficado presa no labirinto burocrático, já não escolhia ser paciente, mas sentar-se de imediato assim que tivesse uma hora disponível e escrever uma nova carta com o intento de esclarecer desta feita a *gravidade das consequências*, mas depois assim que tinha uma hora disponível começava primeiro por chamar a atenção da Senhora Chanceler para o problema de que, desde o estado subatômico até às dimensões por nós já percebidas, somos testemunhas de um contínuo abrandamento, sendo que no interior, no caos atômico e subatômico — além de aí já não haver propriamente «velocidade» —, temos uma velocidade extrema, ou como poderei chamar-lhe, ainda mais veloz do que extremamente veloz, é difícil exprimi-lo por palavras, por conseguinte escrevo-lhe a si, Senhora Chanceler, para lhe dizer que se está a desenrolar uma série de acontecimentos num contínuo relâmpago, e mesmo isso, essa condição de relâmpago, é na verdade apenas uma aproximação, exprimindo até infelizmente de forma enganadora o que acontece, sendo que à medida que avançamos para unidades maiores, para um campo de *observação* em gradual desaceleração, ou seja, a partir do interior, olhando a partir do profundo mundo dos *quarks*, onde portanto não há tempo para o tempo, ou seja, se daí elevarmos a nossa perspectiva para as dimensões macroscópicas, temos então de presumir um Algo num estado muito, muito, muito desacelerado, que para nós é o mundo, e só nesse estado extremamente desacelerado faz sentido falar de tempo e espaço na louca infinitude de criações e desaparecimentos, uma vez que de outra forma não há de todo coisas destas nas profundezas, e este é precisamente o problema, porque no que diz respeito à estrutura profunda da realidade **PRECISAMENTE** não se trata da criação ou desaparecimento de alguma coisa, por exemplo aí, no mundo da aniquilação da matéria e da antimatéria, nada é criado e também nada desaparece, porque quando algo é criado logo *deixa de existir*,

visto que o fotão então libertado é luz, e a luz por seu lado é na verdade ela própria *nada*, e também *não há* tempo e espaço e velocidade, infelizmente *nada há* de espécie alguma que seja, e o pior ainda é que desta maneira não há na verdade mesmo *nada* lá em baixo nas profundezas, sendo necessário elevarmo-nos para alcançar uma visão diferente, para o que são necessárias diferentes circunstâncias, e a essência destas circunstâncias é – repito!!! – termos de abrandar tremendamente a nossa visão, para que o Algo se apresente diante de nós enquanto espaço e tempo, enquanto lugar e duração de acontecimentos, só que, merda, aqui as palavras desistem mesmo do seu trabalho, e então a caneta deteve-se na sua mão, até ele mesmo sabia que não era assim que se falava, principalmente quando se tratava de uma Chanceler, quase de certeza que a Senhora Chanceler não apreciava palavrões, especialmente os assim vulgares, e obviamente que aquele para ela era um palavrão vulgar, Florian franziu o sobrolho e o rosto de Angela Merkel surgiu diante dele, e depois a Angela Merkel inteira, o seus movimentos, a sua postura, o seu andar e o seu rosto atraente, essa beleza fina que era preciso respeitar, não que ele se tivesse exprimido de modo particularmente obsceno, nada disso, ali em Kana até as senhoras mais idosas usavam a palavra «merda», embora neste caso, numa carta escrita à Senhora Chanceler, isso fosse evidentemente inaceitável, e voltou então a ler a carta do princípio ao fim, e aquilo saltou-lhe bastante à vista, envergonhou-se de semelhante deslize ali já quase no final, mas também agora não podia tirar a palavra, que aspecto teria então a carta, como ficaria uma carta à Chanceler com a palavra «merda» riscada ou traçada, não, era preciso escrever uma nova, decidiu, pegou então na carta e copiou o que tinha escrito até então para uma folha A4 em branco, mas agora sem a palavra «merda», e assim já descansado continuou a escrever sobre tudo aquilo, pois pensava que também valia a pena esclarecer os contornos da ameaçadora situação esboçada na carta anterior, estando ele convencido de que a gravidade da coisa era suficientemente demonstrada pelo acima descrito abominável estado do mundo em que vivemos e no qual estão contados os nossos dias, só não sabemos quantos ainda temos, possivelmente quase nenhuns, pelo que ganhara ele

próprio coragem de se dirigir sobre essa questão à Senhora Chanceler, na expectativa de que ela o compreendesse, ficando então muito à espera da resposta ali em Kana, Herscht, nome completo Florian Herscht, mas ali toda a gente o conhecia por Herscht, ficava portanto muito à espera da resposta, após o que fechou o novo envelope e pôs-se a caminho dos correios, e apesar de agora ter tempo de sobra para lá chegar, percorreu apressadamente a Bahnhofstrasse, depois a Jenaische Strasse, até à Rosstrasse e colocou-se finalmente na fila de Jessica, e o senhor Volkenant gritou ao ver Florian, que havemos de fazer?, hoje também não temos nada para ti, ao que Florian acenou, não, agora não é isso, e mostrou o novo envelope, nossa senhora, Jessica abanou a cabeça quando Florian lhe entregou o envelope e ela viu o nome do destinatário, outra vez?!, Florian, não consegues perceber que aquela gente lá em cima nunca lê cartas destas?, nós cá não chegamos a eles, percebes, eles estão lá em cima nas alturas, apontou então para o tecto e depois para o chão, acrescentando, e nós aqui em baixo, estás a ver?, mas Florian limitou-se a sorrir e contou oitenta cêntimos, tinha a certeza de que não era assim, Angela Merkel não era assim, ela escutava o cidadão comum, além disso nos últimos dias já se tinha tranquilizado no que dizia respeito à sua primeira carta, pois tinha agora a certeza de que mais tarde ou mais cedo, pelos meandros do labirinto burocrático, a carta haveria de chegar ao seu destino, só que evidentemente a Senhora Chanceler, no meio de milhares de tarefas, tinha de pensar no que fazer, já que o assunto era muito importante, mais importante que qualquer outro, e se a Senhora Chanceler o compreendesse, e Florian da sua parte tudo faria para que assim fosse, então obviamente não iria hesitar em convocar o Conselho de Segurança, visto que naturalmente ela, Angela Merkel, não podia *infelizmente* tratar sozinha da coisa, para aquilo são precisos os líderes de todo o mundo, ou pelo menos os mais importantes, que sabem decidir, decidir bem e depressa, pois o assunto não pode ser adiado, pelo que caminhou então aliviado Rosstrasse acima, visto que queria descer a colina na outra direcção até à Fábrica de Porcelana, perto da qual ficava a Hochhaus, onde vivia no sétimo andar, bem lá no topo, já desde o início, desde que saíra do Instituto e o Boss o

abraçara, porque era mesmo assim que se deveria chamar àquilo que o Boss fizera por ele, ele podia realmente agradecer-lhe por tudo, e também por ter conseguido um apartamento naquela Hochhaus, e também por não ter ficado sem emprego naquele longo período de desemprego, com conhecimentos de panificação não se ia a lado nenhum, alertara o Boss, e ele não possuía quaisquer bens pessoais, apenas uma mochila, e o Boss comprara-lhe então um fato-macaco cinzento e um boné à Fidel Castro, e ensinara-lhe a limpeza de superfícies, ou seja, passara-lhe para as mãos uma verdadeira profissão, explicou-lhe, com um salário semanal no bolso e o subsídio de renda Hartz IV e tudo o mais, tinha a vida bem estabelecida, e isso podia bem agradecer ao Boss, o qual não tinha nem mulher nem filhos, por isso Florian era como se fosse filho dele, tu és uma criança que me foi confiada, Florian, e por isso eu é que digo o que fazes, e como fazes, e quando fazes e até quando fazes, o Boss tinha de fazer-lhe a papinha toda e repetir-lhe tudo constantemente, uma vez que, conforme contava aos seus amigos, apesar de parecer ter andado na universidade, não me atrevo a passar-lhe um telemóvel para as mãos, pois por um lado é um génio, mas por outro este miúdo é simplesmente um idiota, e também não tem bem consciência de si próprio, vocês sabem como ele é grande, mas ao mesmo tempo se lhe gritas ele foge, nem sequer pensa em enfrentar-te e ripostar, pois se o fizesse poderia matar-nos com as suas próprias mãos, isso garanto-vos eu, mas os outros não disseram nada, também não falavam muito, eram um pelotão assim, pouca conversa e muita acção, era isso que os guiava quando na sexta à noite, ou no sábado à noite, ou se fosse feriado, se reuniam e faziam planos, com poucas palavras, como vai ser se for preciso mostrar força, se for preciso defender alguém, se for preciso resistir, enfim, se for preciso estar presente em algum lado, e, claro, juntarem-se nos *verdadeiros* feriados, porque esses eram muitos, o passado é rico, nunca se esgota, fazia notar Fritz, e isso não nos podem tirar, entre eles não havia chefe nomeado, nem comandante, chefe de pelotão, não tinham nomeado ninguém, até mesmo o Boss era mais visto como um líder de opinião, porque aqui, entre nós, há democracia, *isto*, camaradas, diziam ora uns ora outros, é mesmo uma democracia, este pelotão baseia-se em

palavras e acções abertas, directas e honestas, porque aquilo que nós defendemos é o valor, o único valor que outrora existia mas cuja preservação agora só depende de nós, assim é, camaradas, depende de nós, diziam eles na casa da Burgstrasse, 19, de que eram proprietários e a que também chamavam Burg, e aí no Burg as imundas autoridades não podiam voltar a meter o nariz, sendo que o Burg exprimia na perfeição aquilo que os unia a eles, o compromisso em defender a pátria, apenas isso e nada mais, e não era pouco, num meio que lhes era totalmente hostil, pois a cidade e toda a preciosa Turingia e até mesmo o próprio país eram em grande parte naturalmente constituídos por escória, cobardes e oportunistas, com que os mentirosos poderes fiscais internacionais, conforme afirmava Fritz, haviam corrompido com sucesso as autoridades totalmente desprovidas de sentimento nacional, estava tudo perdido, diziam, aqui estava perdido tudo o que tinha que ver com o passado glorioso, com os sacrifícios de pais e avós, com a abnegação própria, com a lealdade, com o ideal alemão e com a orgulhosa defesa da raça, e sendo poucos tinham de estar preparados, estavam conscientes disso, não tinha sido preciso ninguém os chamar, todos tinham vindo de livre vontade e aí se conheceram uns aos outros, não era preciso organizá-los, o pelotão juntara-se em pouco tempo e esperava que chegasse a hora de poder avançar, como chamavam ao momento em que se iniciaria a luta pelo Quarto Reich, a qualquer momento chegará o Dia X, há anos que esperavam por ele, pelo dia e hora em que pudessem dizer de hoje em diante nunca mais, quando se levantassem das suas cadeiras sem costas da Burgstrasse, 19, e tirassem as armas dos esconderijos para então começarem, sendo que então não haveria piedade, era a isso que bebiam todas as sextas ou sábados à noite na Burgstrasse, 19, ou quando voltavam ao Burg depois de celebrarem uma *verdadeira* festividade, não iam a nenhuma tasca como muitos outros grupos semelhantes na Turíngia ou na Saxónia, eles cá não, pois não queriam mostrar-se, há alguns que são assim, na Turíngia e na Saxónia, mas também noutros sítios, eles sabiam, claro que sabiam, para esses bastava estar em permanente contacto na Internet, depois vestir roupa castanha e andar a agitar bandeiras de um lado para o outro, como nos desfiles

do Primeiro de Maio em Plauen, mas aos seus olhos isso não passava de um circo, e eles não queriam circo, o que eles queriam era guerra, e não é dos imigrantes que nós temos de ter medo, dizia o Boss, que é o que os outros andam a vociferar todos os dias, que os imigrantes isto, os imigrantes aquilo, e como puderam deixar entrar aquela malta com toalhas na cabeça e com panos enrolados e mantas à volta e cachimbos, que nos vão tirar a Alemanha desta e daquela maneira, e mais o crl, levantou a voz, nós cá não nos concentramos nos imigrantes, mas sim nos judeus, porque esses é que *já* levaram o que era nosso, e não, não, não, nós não temos razão para fazer alianças com ninguém, porque nós não queremos ser grandes, o que nós queremos é que a Alemanha seja grande outra vez, era esse o seu compromisso, assentiam os outros com a cabeça, era isso que dia após dia os inspirava, era com isso que se inspiravam uns aos outros no Burg, mas não com discursos grandiloquentes, eles odiavam a retórica, isto aqui é um pelotão e eles eram soldados, camaradas na situação grave e fatal em que se encontrava a Alemanha, disse falava também muitas vezes o Boss a Florian, para que ele percebesse claramente a grande merda de situação em que se encontrava, mas as suas palavras não chegavam a Florian, ao menos estás a ouvir?, rugia-lhe então, dando-lhe um calduço na nuca, com o que naturalmente Florian se encolhia, que sim, que estava a ouvir, claro que sim, mas não estava a ouvir, pois só pensava se conseguira exprimir-se com suficiente clareza nas duas cartas, porque já tinham passado mais de dois meses entre elas, e se fizera sentido mencionar na segunda que o tempo e o espaço e a chamada relatividade dos acontecimentos mais tarde ou mais cedo conduzem seguramente ao desaparecimento da realidade, e se era absolutamente correcto falar disso, e não explicar mais ao pormenor aquilo a que deveriam exactamente estar atentos lá em Berlim, mas não encontrou resposta que o serenasse, de modo que logo no dia útil seguinte ao envio desta segunda carta se arrependeu de ter introduzido a desesperante falta de fundamento do tempo e de todos os conceitos básicos a ele ligados, com isso apenas confundi a Senhora Chanceler, pensou cada vez mais nervoso, pois não é essa a questão,

eu tenho é de lhe falar da verdadeira questão, e não da minha consternação, isso é assunto meu, a questão por seu lado pertence à chanceler alemã Angela Merkel, ela é que tem de avançar, porque a gente só confia nela, Angela Merkel entende o que eu estou a dizer, desde que eu formule as coisas clara e sucintamente, o que depois acabou por não acontecer, nomeadamente no que diz respeito à formulação sucinta, pois nessa noite, ao voltar para casa depois do trabalho, para o sétimo andar da Hochhaus, e ao sentar-se para escrever uma nova advertência a Berlim, a qual haveria de substituir a anterior, já não foi capaz de uma formulação sucinta, ficando inclusivamente tão nervoso por não conseguir captar a questão que não conseguiu escrever uma palavra que fosse, ainda por cima no dia seguinte não teve de ir para o trabalho, mas sim directamente para a batalha, foi o que lhe gritara o Boss muito antes da hora em que habitualmente se encontravam, quando cedo de madrugada, mais propriamente ainda de noite, lhe tocara à campainha, e ele aparecera à janela, piscando os olhos sonolento, alerta!, Florian, alerta!, hoje não precisas de fazer a barba, porque hoje há batalha, gritou, chamaram-nos há pouco de Eisenach, explicou depois já no *Opel*, inclinando-se para a frente sobre o volante e pisando o acelerador, porque houve alguém que profanou a Bachhaus, queria ter trazido comigo a metralhadora, mas para já vamos ver o que se passa, e lá foram ver, a Bachhaus de Eisenach, que funcionava como um museu, não era a casa onde Bach nascera, como antes se pensava, explicou, à medida que se aproximavam do local, pois essa casa ficava presumivelmente na Ritterstrasse, mas mais erro menos erro aquele edifício tornou-se o centro de divulgação da herança de Bach na cidade, e nós aceitamos que assim seja, está muito bem assim, e por aí se ficou a explicação porque entretanto tinham chegado, estacionaram e aproximaram-se do local, e então o Boss emitiu apenas um grito inarticulado ao parar diante de dois grafitis que alguém pintara durante a noite, a acrílico, dos dois lados do portão de entrada, os quais na tarde anterior ainda não estavam lá, declarou o vigilante do museu, que no dia anterior fechara o museu às seis, tudo se passou como sempre, fechei o portão, assim declarara à polícia, e olhei para trás, assim, e mostrou como, porque

costumo sempre olhar para trás, mas tudo parecia estar como normalmente, pelo que a ocorrência teve lugar a meio da noite, porque à noite aqui na praça andam algumas pessoas, e também jovens mais lá em cima, e depois também há os sem-abrigo, que costumam sentar-se a beber cerveja, mas não podem ter sido eles, tenho a certeza que não, isso é tudo miúdos de Eisenach e pessoas sem-abrigo de Eisenach, malandrecos, é verdade, mas nunca seriam capazes de uma coisa daquelas, quem fez isto foi um imigrante, podia jurar que foi um imigrante, e abriu as mãos, contando depois a mesma história, exactamente com as mesmas palavras, aos interessados e horrorizados que viram toda aquela agitação e também o carro da polícia com a luz a piscar, reunindo-se ali rapidamente após a hora de abertura, e eles começaram então a trabalhar, o Boss mesmo a fundo, pois havia uns cinquenta ou sessenta habitantes locais a observar o que faziam, examinou a tinta, tirou uma amostra e desfê-la lentamente entre os dedos, ao mesmo tempo que levantava a cabeça para as alturas, de olhos fechados, como quem não procede apenas a uma análise qualquer, mas sim examina intensamente o material com os dedos, murmurando depois qualquer coisa para si, após o que voltou a tirar uma amostra, levou à boca um pouco da tinta com a ponta do dedo, deu depois uma grande cuspidela e bateu furiosamente com o punho na parede, acertando em cheio no focinho do animal desenhado do lado esquerdo da entrada, o que fez recuar um pouco a assistência, após o que disse a Florian para ir buscar o tal solvente e aquela escova e também aquele *spray* e aquela lixa, e Florian lá os trouxe, visivelmente assustado, não com os habitantes locais mas com o invulgar comportamento do Boss, não entendia nada do que se estava a passar, estava um bocadinho confundido, sabia que era grande o problema para o Boss estar assim, mas qual era a intenção daquela besta?!, bufou o Boss todo o vermelho já no carro no caminho de volta, que vem a ser aquele WIR, e depois aquela CABEÇA DE LOBO, consegues explicar-me?, não consegues, porque não dá para perceber uma besta quadrada daquelas, mas agora diz-me tu por que raio haveria um anormal destes de profanar aquele lugar, perguntava o Boss enquanto lhe escorria saliva e ranho do nariz adunco, porque é que alguém haveria de

conspurcar um lugar daqueles, aquilo é um Símbolo Nacional!, aquilo é a BACHHAUS, aquilo é EISENACH!!!, pqp, Florian, eu vou matá-lo, fds, vou encontrá-lo e estrangulá-lo com estas duas mãos, devagar, tão devagar quanto puder, para lhe ver os olhos a inchar, para lhe ver a língua a sair da boca, porque o cabrão vai pagar *por isto*, vamos fazê-lo pagar *por isto*, e batia no volante, ora acelerando ora travando, sem olhar para o espelho retrovisor, e Florian temia que ao travarem alguém lhes batesse por trás, vou cortar-lhe o crl, continuou a gritar o Boss, meto-lho na boca babosa, depois pego num lata de *spray* e meto-lha no CU, percebes?!, Florian?!, estás a ouvir?!, Florian assentiu com a cabeça, assustado, mas a cabeça tremia-lhe, tenso como estava, e ficou a olhar todo rígido para a estrada diante deles, primeiro a oitenta e oito e depois a noventa, a caminho de casa, não se atrevia a dizer nada, não se atrevia a perguntar nada, mas podia ter perguntado alguma coisa, uma vez que, como o Boss, também ele não percebia o significado de alguém ter desenhado ao lado da entrada da Bachhaus dois grafítis tão incompreensíveis, nunca nada assim lhes acontecera, desde que trabalhava com o Boss, grafítis em muros de cimento, casas isoladas, debaixo de pontes, ao lado de ferrovias, em comboios, em paredes corta-fogo nos subúrbios, era nesse tipo de lugares que tinham de os limpar com maior frequência, mas num museu isso era completamente inédito e no seu entender revoltante, o próprio Boss explicara que aqueles que andam a estragar o mundo com grafítis felizmente nunca atacam estátuas, fontes, palácios, igrejas ou precisamente museus, essa é supostamente uma regra tácita entre eles, pois então ora aqui está, afinal não é assim, e ainda por cima a Bachhaus, isso só por si o teria chocado, caso não estivesse já chocado pelo estado em que tudo aquilo pusera o Boss, pois jamais o vira assim, ainda que Florian soubesse o que Johann Sebastian Bach significava para o Boss, sabia que para o Boss Bach não era apenas um compositor entre tantos outros, mas para ele Bach era um fenómeno celeste vindo do paraíso, um profeta, um santo, alguém que, como muitas vezes dizia a Florian, quando estava nos seus dias, inscreve-ve-ra em cada uma das suas notas musicais o que era o Espírito Alemão, a ligação entre o carácter alemão e as Ideias Superiores, e que

ele na bandeira do pelotão teria pintado não Hitler, ou Müller, ou Dönitz, ou Model, ou Dietrich, ou mesmo Dienel, como os outros, mas sim BACH, só que os outros contestavam-no sempre e diziam que era melhor Hitler, ou Müller, ou Dönitz, ou Model, ou Dietrich, ou mesmo Dienel, não chegavam a acordo, pelo que ainda não havia nenhuma decisão sobre quem haveria de figurar na bandeira secreta, o importante era que estava guardada no mais secreto dos lugares, não no Burg, onde os podiam atacar uma segunda vez, porque depois dos grandes problemas que tinham tido, um sacana qualquer tinha-os denunciado, aparecera-lhes uma Unidade Especial, tinham levado o Fritz, em cujo nome estava alugada a casa, mas não os apanharam, porque eles nem sequer conhecem as suas próprias leis, embora aquilo possa voltar a acontecer em qualquer altura, daí que tenham levado as suas coisas mais importantes para vários lugares dispersos e jamais nomeados, mas pronto, não importa, disse o Boss a Florian, embora tivesse sido ele próprio a trazer à baila o assunto da bandeira, cá para mim, disse ele, apontando para si próprio com a mão direita, ao mesmo tempo que com a esquerda segurava o volante, eu só consigo imaginar única e exclusivamente BACH, por isso fundei a Orquestra Sinfónica de Kana, e por isso é que também tu tens de mergulhar naquilo que ouves todos os sábados no ensaio, porque é preciso ouvires para o compreenderes, a tua alma já lá está, só que não tens ouvido, e de novo lá veio um bofetão, Florian encolheu o pescoço e continuou a olhar com indiferença para o pára-brisas, lá para fora, para a estrada, e quando o Boss se pôs de novo com aquilo, que tu só te interessas sempre pelo Universo, afinal porque é que te interessas pelo Universo, porque não te ocupas de Bach, para tua informação Bach viveu aqui, por isso esta é uma Zona Nacional Bachiana, o verdadeiro alemão da Turíngia ocupa-se de Bach e não do Universo, porque para nós o Universo vai de Wechmar a Leipzig, percebes? consegues entender?, Florian assentiu com a cabeça, mas não entendia, e a vida começava a regressar à normalidade, nem sequer lhes ocorria que aquilo que acontecera em Eisenach poderia repetir-se, o bárbaro ataque parecia ser um acto isolado, passado algum tempo já nem o próprio Boss o trazia à baila, os meses passaram, passou-se o Verão,

depois entraram no Outono, já começava a ficar frio, mas mal era preciso aquecimento, ou seja, mal seria preciso, só que na Hochhaus usava-se muito o aquecimento, portanto era preciso abrir as janelas, porque nos dias mais amenos já fazia tanto calor durante a noite que não conseguia dormir, só junto à janela aberta, mas depois chegou o Inverno a sério, e depois um dia a rádio disse que o Inverno tinha terminado, porque já ali estava a Primavera, e já quase entravam de novo no Verão, tendo chegado o dia que Florian dera como prazo à Chancelaria para receber uma resposta, mas a resposta não chegara, e a partir desse prazo passou a acreditar que o obstáculo era um determinado funcionário do Kanzleramt, só podia ser isso, tinham tido quase um ano, mas agora já estávamos a 31 de Agosto, de modo que Florian foi uma última vez aos correios e tomou conhecimento que naquele dia também nada tinha chegado, após o que desceu a colina a correr, sentou-se no restaurante da Ilona no Baumarkt, pediu uma *Bockwurst* e um *Jim Him*, sendo que desta vez não participou na ruidosa conversa que se mantinha entre os clientes, ou seja, não os ouviu comentar que as reparações na estrada 88 avançavam de forma insultuosamente lenta, e que de novo o subsídio Hartz IV estava um dia atrasado e ninguém fazia nada, nem sequer havia um pedido de desculpas, porque ele tinha era de decidir o que haveria de fazer, e decidiu mesmo, comeu a *Bockwurst*, bebeu o *Jim Him* e foi para a Hochhaus, onde pegou numa folha A4, dobrou-a em dois, rasgou-a ao meio, e depois na parte de cima do papel escreveu apenas, para Angela Merkel, Chanceler da República Federal da Alemanha, acrescentando então *Sehr geehrte Senhora Chanceler, chego no dia 6 de Setembro ao meio-dia, Herscht*, e meteu o papel num envelope, endereçou-o como de costume, deu-o aos Volkenant e depois apressou-se a ir ter com o senhor Köhler, que precisamente naquele dia o recebeu dizendo que bom que ele tinha vindo, porque tinha uma conversa importante para ter com ele, fazendo-o sentar-se, e depois de ele próprio ter andado durante bastante tempo para lá e para cá na sala em silêncio, parou diante de Florian, ajeitou com dois dedos os óculos na cana do nariz e disse, olha, meu filho, tenho de dizer-te uma coisa, em primeiro lugar estás a misturar duas coisas, pelo menos duas, de tudo aquilo que eu

te expliquei ficaste a pensar que do nada provém alguma coisa, pelo que alguma coisa acabará também em nada, e nunca percebeste que eu sempre tratei isto com reserva, não prestaste bem atenção, por isso agora escuta, as conclusões dependem de premissas muito sensíveis, não se pode tirar conclusões de forma irresponsável, eu, por formação, sou professor de Matemática e de Física, mas apenas professor, não uma mente científica altamente qualificada, e talvez por isso não tenha falado com suficiente clareza, nem conseguido dar uma imagem credível daquelas questões que começaste a colocar-me, só que agora não posso continuar a ignorar que andas cada vez mais enleado na tua própria interpretação, porque os Volkenant me disseram que andas a mandar cartas à Angela Merkel, não faças isso, meu filho, a Angela Merkel nunca irá ler as tuas cartas, as tuas cartas nem sequer chegam a ela, seria ainda pior se chegassem, porque nesse caso o que iria a Angela Merkel pensar de nós aqui em Kana?, haveria de pensar que toda a gente enlouqueceu?!, porque eu cá sei, ou, melhor dizendo, suspeito, o que andas a escrever à Angela Merkel, sei perfeitamente de que tens tanto medo, foi sobre isso que lhe escreveste, não é verdade?, verdade, respondeu ele à sua própria pergunta, já que Florian ficou calado, mas, meu querido filho, sentou-se então diante de Florian,

de alguma parte para alguma parte

eu já te disse isso um par de vezes, mas em vão, só que tu nunca prestas atenção, estás a confundir duas coisas, os acontecimentos provavelmente ocorridos no primeiro centésimo de segundo após o Big Bang, e os processos que se desenrolaram desde então e que se desenrolam no nosso presente, é isso que estás a misturar, e acreditas que a «criação a partir do nada» está a acontecer agora, mas não, meu filho, ouve-me bem, porque estás a torturar-te inutilmente, no que diz respeito ao Big Bang, e isto é apenas uma teoria não verificada experimentalmente, foi mesmo criada essa proporção que eu te expliquei, que de acordo com esta explicação da criação do mundo material, juntamente com um bilião de partículas de matéria, foi sincronicamente

produzido um bilião de partículas de antimatéria, e se de repente ou então logo no primeiro centésimo de segundo da criação do Universo, isso realmente não conseguimos saber, sendo que depois de 1 bilião de partículas de matéria mais uma partícula de matéria não é produzido 1 bilião de partículas de antimatéria mais uma partícula de antimatéria, e é assim que fica uma partícula de matéria a mais enquanto excedente, enquanto ponto de partida do mundo material, do qual surge o algo, o mundo material, a realidade, mas isso teve lugar por altura do Big Bang, Florian, não hoje, hoje um bilião de partículas de matéria mais uma produzem SEMPRE um bilião de partículas de antimatéria mais uma, e a aniquilação é contínua e perfeita, ou seja, anulam-se umas às outras, sendo que da colisão é libertado um bilião de fótons, percebes, são duas coisas diferentes, meu filho, por um lado temos aquilo que aconteceu uma única vez por altura do Big Bang, ou que pode ter acontecido, e por outro lado temos aquilo que aconteceu depois e que presentemente continua a acontecer, e que acontecerá também no futuro até ao infinito, e é isto que tu estás constantemente a confundir, concluindo erradamente que se o mundo foi criado a partir de um único erro assim, então esse erro voltará a acontecer, só que em sentido contrário, e eu não sei como é que tu imaginas isso, talvez que no futuro tenha lugar algum acontecimento que aniquile o actual mundo material?, mas isso é um absurdo, meu filho, não acontecerá uma coisa dessas, vê lá se entendes, peço-te, e não desesperes à conta disso, acredita em mim quando digo que te estás a preocupar inutilmente e portanto também é inútil enviáres todas essas cartas à Senhora Chanceler, eu não quero ofender-te, mas isso faz-te parecer um bocadinho ridículo, e a mim também, à cidade inteira, Kana é uma localidade orgulhosa, digam o que disserem, e os nossos cidadãos ficarão furiosos se por tua causa Kana fizer má figura, só que Florian já tinha tapado os ouvidos no início do discurso do senhor Köhler, convencido que estava de que aquela explicação apenas provava que o senhor Köhler queria aliviar um terrível fardo que pesava sobre eles, mas não era preciso aliviar esse fardo, uma vez que também não era possível, e sim fazer alguma coisa para impedir o pior, que aliás podia muito bem acontecer, e uma vez que podia

acontecer, então com grande probabilidade iria mesmo acontecer, disso não havia dúvida, precisamente sem nenhuma explicação, tal como acontecera no tempo do Big Bang, não era possível consolar Florian, pois ele agora já via as coisas muito melhor e reconhecia o perigo, a catástrofe há-de chegar, dizia agora com tristeza, erguendo lentamente para o senhor Köhler os seus dois olhos azul-celestes, mas não porque este lhe tivesse dito de novo palavras consoladoras, mas sim porque desejava deixar claro que não podia ser consolado, pois nessa questão não havia lugar para o consolo, era assim, e a sua única esperança estava no Conselho de Segurança da Senhora Chanceler, onde afinal de contas se sentam pessoas responsáveis, capazes de mobilizar os maiores especialistas nas mais importantes questões que afectam o mundo, e perante isso o senhor Köhler limitou-se a abanar a cabeça, tirou os óculos, apertou a cana do nariz, depois não voltou a pôr os óculos, que lhe ficaram ali na mão, impotentes, e apenas ficou ali sentado, nem sequer retribuiu a saudação de Florian quando este saiu da sala, em parte porque algo lhe veio à cabeça, algo que mais tarde contou ao telefone ao seu amigo Jacob Friedrich, de Eisenberg, nomeadamente que, caso não abordemos a coisa desta forma, mas se, pelo contrário, considerarmos que logo nos dez elevado a menos quarenta e três segundos depois do Big Bang temos a partícula de matéria e também a de antimatéria, e se abandonarmos toda a teoria da aniquilação e só nos concentrarmos no facto de haver o mundo da matéria e o mundo da antimatéria, então é verdade que existe o mundo da matéria, mas onde foi parar então o mundo da antimatéria?, é que não está na realidade, não conseguimos encontrá-lo em parte alguma, não conseguimos detectá-lo a partir do que quer que seja, pois então ONDE ESTÁ?, portanto em parte porque estava absorto nos seus pensamentos quando Florian se foi embora, em parte porque percebera que nada podia fazer, e pensou que já tinha feito tudo o que dele se podia exigir, ninguém o poderia responsabilizar por aquilo que resultasse do irresponsável desespero de Florian, porque algo haveria de acontecer, pensou com amargura, e de facto aconteceu, só que não foi aquilo que ele pensou, mas sim que no domingo seguinte à noite tocou o telefone do Boss, tendo este acordado só a

custo, pois estava a dormir tão bem, pqp, nem no domingo me deixam em paz?, depois correu para o *Opel* e já ia pôr o carro a trabalhar quando olhou para o relógio do *Opel*, que mostrava só quatro horas e dez, ou seja, ainda era cedo para partir, porque ainda não vai estar ninguém em Wechmar, a não ser o vigilante, após o que voltou para casa, mas não conseguiu dormir, nem se atrevia, soava tudo tão inacreditável, não posso acreditar, era o que se limitava a repetir depois no carro, batendo no volante como de costume, Florian teve rapidamente de se agarrar ao banco, *não posso acreditar*, abanou a cabeça incrédulo, é o mesmo maldito sacana de mrd, Florian, é o mesmo, e voltou a bater no volante, pois não encontrava as palavras, simplesmente não sabia o que dizer, pois a mesma mão pintara o WIR e a CABEÇA DE LOBO no Moinho dos Bach em Wechmar segundo o vigilante, o qual, uma vez que dormia mal, ia várias vezes apanhar ar fresco durante a noite para diante do edifício, reparara na coisa e chocado chamara de imediato a polícia e depois também o Boss, para que viesse imediatamente, de preferência imediatamente, porque se os habitantes locais vissem o que tinha acontecido grande seria o alvoroço, o melhor era vir já, dissera ao telefone, com a voz a tremer, passava pouco das quatro da madrugada, mas depois o Boss tivera um momento de clareza, ao olhar para o relógio do *Opel*, e só se fizera ao caminho, naturalmente levando consigo também Florian, quando pelas suas contas já a polícia tinha chegado a Wechmar vinda de Erfurt, e assim foi, viraram para o Moinho dos Bach mais ou menos ao mesmo tempo que a polícia, aquela era a primeira *residência* dos Bach, conforme referira o Boss a Florian ainda no carro, porque o Boss sabia tudo sobre Bach, Florian admirava-o muito por isso, sabia tudo, quando é que Veit Bach chegara da Hungria e daí em diante até ao mais ínfimo pormenor, sabia de cor o nome de todos os monumentos relacionados com Bach, se me acordassem de repente também seria capaz de os dizer imediatamente, assegurava ele aos outros na sexta ou sábado à noite, e aos outros contava constantemente o que aconteceria com os Bach na Turíngia, principalmente e sobretudo a Johann Sebastian, mas não valia a pena, ninguém se interessava por Bach, eles interessavam-se era por Hitler e Müller e Dönitz e Model, ou

mesmo por Diemel, reconheciam que Bach era um verdadeiro turíngio, mas apenas isso, não eram lá muito musicais, nada disso, só os músicos da Orquestra Sinfónica de Kana o entendiam e escutavam de bom grado, porque enquanto ele contava que naquele tempo, no Moinho, Veit Bach, e depois também Hans, pegava na sua cítara, que trouxera da Hungria, e, enquanto o trigo se transformava em farinha, nela tocava uma música tão bonita, tão bela, que a sua memória sobreviveu, se assim não fosse como é que eu, e apontava para si próprio, o que significava sempre que estava a apontar para a Cruz de Ferro no peito, como é que eu saberia disso, os músicos escutavam com prazer, mas o Boss na verdade nunca percebeu que não eram as suas histórias que os atraíam, mas sim o facto de a pausa durar enquanto ele as contava, porque para dizer a verdade a Orquestra Sinfónica de Kana era constituída por músicos amadores, que conheciam os seus instrumentos em certa medida, mas não tanto quanto Johann Sebastian Bach exigia, estavam mais preparados para tocar melodias sempre actuais como o *Let the Sunshine* do *Hair*, os Beatles ou o *Dragonstone* e o *Blood of my Blood* d'A *Guerra dos Tronos*, coisas assim, mas Bach era difícil, para não dizer outra coisa, e por isso o Boss ficava bastante zangado porque achava que era por eles não ensaiarem o suficiente, apenas uma vez por semana, é por isso que não dá, é por isso que está sempre a ir por água abaixo o *Concerto de Brandemburgo n.º 5* ou os detalhes instrumentais da *Paixão segundo São Mateus*, pelo que, quando não perdia as estribeiras durante um ensaio, batia de tal forma nos tímpanos que todos logo pousavam os seus instrumentos e ouviam envergonhados os gritos que o Boss lhes dirigia, de modo que preferiam quando ele lhes falava de Bach e faziam uma pausa, segundo o clarinetista também não era preciso forçar aquilo, mas o Boss falava sempre por cima dele, dizendo que se eles não estabelecessem objectivos ambiciosos então a Orquestra Sinfónica de Kana nunca seria nada de jeito, e Johann Sebastian era um grande objectivo, bom, lá isso era verdade, disse o clarinetista, mas não insistiu, porque nem ele nem ninguém da orquestra queria confrontar seriamente o Boss, apesar de tudo era ele o fundador e tudo o mais, enfim, a maioria resignou-se a pegar de novo nos instrumentos

e continuaram a insistir, e assim foram andando as coisas, Florian lá se sentava todos os sábados no ginásio do Liceu Lichtenberg para melhorar o seu ouvido, mas em vão, o seu ouvido não melhorava, o Boss simplesmente não entendia, eu não entendo, abanava a cabeça na companhia dos seus camaradas, ele tem de ficar lá sentado enquanto estamos a ensaiar, e ele fica lá sentado, só que o ouvido continua exactamente o mesmo desastre, este Florian não absorve nada, absolutamente nada, só que eu cá não desisto, dizia, e às suas palavras os outros limitavam-se a reagir com indiferença, não, não desistas, Boss, vais ver que vais conseguir alguma coisa, porque Boss era como eles lhe chamavam, ele queria que todos o fizessem, mas ninguém saberia dizer desde quando ou porquê se generalizara esta designação, também ninguém sabia bem o seu verdadeiro nome, por vezes ele referia que também ele já não sabia muito bem, só quando apanhava uma tarefa, aí é que se lembrava vagamente de alguma coisa, e bebiam a isso, batendo com as garrafas de cerveja umas nas outras, e lá escorregava a cerveja, mas Florian não bebia, toda a gente sabia, só bebidas sem álcool, e também isso só quando tinham de estar juntos fora do Burg, porque ao Burg ele nunca ia, eu é só bebidas sem álcool, levantava a mão quando juntavam os pedidos, e é claro que ninguém queria passar pela vergonha de pedir alguma coisa sem álcool, por isso ele é que tinha de ir buscar uma bebida para si, e isso também era desconfortável para os outros, acabando eles por estar juntos só raramente, e quando isso acontecia não o chateavam, aceitavam que ele só bebia bebidas sem álcool, embora na verdade ninguém soubesse porquê, só o Boss sabia, mas não revelava que com o álcool lhe apareciam imediatamente erupções cutâneas em todo o corpo, também no rabo?, perguntara-lhe o Boss a sorrir quando Florian lho confessara pela primeira vez, sim, também aí, baixara Florian a cabeça, em todo o lado, então pronto, está bem, não bebas cerveja, bebe vinho, isso também não posso, respondera Florian, seja o que for, se tiver álcool, então aparecem-me essas manchas vermelhas, é do teu fígado, dissera o Boss assentindo com a cabeça, tens o fígado fraco, mas pronto, sempre temos o Bach, basta apareceres lá todos os sábados às onze e vais ver que isso te fortalece o fígado, e também

o ouvido, porque olha só quem é que eu arranjei para trabalhar comigo, não bebe cerveja e não tem ouvido, assim não dá, fds, aparece lá às onze, e desde então que Florian lá estava às onze, nunca se atrasou, isso o Boss não admitiria, também não perdoava qualquer tipo de atrasos, se alguém entre os violinistas, flautistas, baixistas ou violoncelistas se atrasasse um minuto, o Boss logo o chamava à atenção, falando-lhe da pátria e do dever, e na verdade jamais se esquecia, ou seja, jamais perdoava quem quer que fosse, aquele que se atrasa tem um carácter fraco, dizia ele ao lado da cadeira que simbolizava o palanque do maestro, sendo que em cima do palanque, até à primeira actuação, a qual apenas teria lugar num qualquer futuro longínquo, ninguém poderia estar por causa da democracia, quem se atrasa não é digno de música nenhuma, muito menos de Bach, e toda a gente sabia que com isso o Boss não brincava, aliás o Boss nunca brincava, e se brincava ninguém percebia, ou seja, ninguém se dava conta de que se tratava de uma brincadeira, o Boss tinha um ar assustador, o que inspirava respeito até entre os seus camaradas, porque os outros lá no Burg não eram homens musculosos, de ombros largos e pescoços grossos como ele, parecem-se mais, dissera-lhes ele ao início, talvez como piada, só que ninguém riu, parecem-se mais com doentes pulmonares terminais, com aquelas suas bochechas pálidas e aqueles seus membros flácidos, mas depois mais tarde já não dizia aquilo, nem sequer a brincar, pois dava para ver nos camaradas que eles não levavam aquilo na brincadeira, e que no olhar de todos eles havia então algo que não agradava ao Boss, pelo que este recuava, interrompia o que estava a dizer, ou a fazer, e começava a enfiar o dedo no nariz, ou então a acariciar o crânio rapado de trás para a frente e de frente para trás, e depois coçava a Cruz de Ferro que tinha no peito, e quando terminava tudo isto, já toda a gente ultrapassara a coisa, já estava tudo esquecido, e ele já só ousava chamar de vez em quando a atenção deles para os benefícios do exercício físico, porque alemães puros como vocês, dizia ele, precisam de ambos os tipos de força, isto é, a força física, mas também a força de carácter, e ele era realmente um bom exemplo disso, porque quando tinha tempo suficiente lá ia ele depois do trabalho para o Balance, atrás da passagem

de nível, levantar pesos, correr no tapete, sentar-se no banco de remo e fazer cem abdominais, ou seja, ainda se mantinha em forma aos cinquenta e três anos, como dizia a Florian, e tu não tens de fazer nada, fds, és cá um sortudo, eu todas as noites puxo ferro em casa ou no Balance, mas tu não fazes nada, só o Universo, e levantas pesos como se fossem almofadas de penas, cento e cinquenta quilos sem te baixares, este aqui pôs-me cento e cinquenta quilos em cima, contara ele aos outros numa das reuniões de sexta à noite, levantou-os assim sem mais nem quê, e depois quando eu disse, mas só *quando eu disse!!!*, estão a ver?, é que ele pôs os pesos de volta no sítio, aquilo não lhe fez moossa nenhuma, fds, nem sequer estava a perceber que eram cento e cinquenta quilos, o gajo é só músculo, mas acreditem ou não ele simplesmente não tem noção disso, não faz a mais pequena ideia que é feito de uma cepa forte como o raio, mas pronto, já chega, levantou a caneca de cerveja e gritou, à Força, só que agora não tinha vontade de estar no meio dos outros, embora fosse domingo, tinham trabalhado todo o dia no moinho, mais propriamente falando tinham terminado o trabalho em menos de uma hora, mas até poderem começar a limpar as paredes tinha passado à vontade meio dia, porque a polícia de Erfurt andara por lá a cirandar como se fosse realmente necessário, mas não é necessário, dissera o Boss a Florian, é dar uma vista de olhos, andar um pouco à volta, tirar umas fotografias e pronto, porque cml andam a empatar, porque é que andam a fazer telefonemas, a ligar para este e para aquele, em vez de nos deixarem terminar a coisa, por volta do meio-dia já mal podia com os nervos, Florian procurou acalmá-lo, mas não conseguiu, várias vezes o Boss foi ter com um ou outro polícia para perguntar quando poderiam finalmente começar, é que já estavam ali desde madrugada, mas os polícias continuavam a afastá-los dizendo-lhe que não se preocupasse, haveriam de lhes dizer quando pudessem começar, e durante bastante tempo não aconteceu nada, apenas faziam chamadas, andavam de um lado para o outro, conversavam, tomavam cafezinho, enfim, continuaram a arrastar aquilo, de modo que só pouco antes das duas receberam autorização para trazer os solventes, só que agora o Boss já estava tão lixado, como ele próprio disse, que mandou Florian lá sozinho,

Florian Herscht, gigante meigo e ingénuo, visto pelos habitantes de Kana como o «idiota da aldeia», está convencido de que o mundo se aproxima do fim. É sobre o perigo de uma catástrofe iminente que escreve cartas obsessivas à chanceler Angela Merkel. Além disso, trabalha numa empresa de lavagem de paredes sob a alçada de Boss, o líder de um grupo neonazi local e fanático por Johann Sebastian Bach. Com a ajuda do seu pelotão e de Florian, Boss está empenhado em apanhar o artista que anda a conspirar com grafítis de cabeças de lobo vários monumentos dedicados ao compositor alemão naquela pequena cidade esquecida da Túrningia Oriental. O caos instala-se quando lobos verdadeiros são avistados na zona...

Sátira devastadora e profética sobre a desintegração social e o colapso ecológico, o nacionalismo e o globalismo, e a linha ténue que separa a civilização da barbárie, *Herscht 07769* é o grande romance sobre a Europa do século XXI, escrito numa única frase vertiginosa e no estilo inconfundível do mestre húngaro László Krasznahorkai.

«A obra de um génio.»

The Telegraph

«Uma obra-prima literária.»

The Washington Post

«Proporciona, a um nível raro na vida contemporânea,
um dos prazeres centrais da ficção:
o encontro com a alteridade do outro.»

The New York Times



Penguin
Random House
Grupo Editorial

www.penguinlivros.pt

 [cavalodeferro](#)

 [penguinlivros](#)

ISBN: 978-989-787-971-5



9 789897 879715